

A PRESENÇA DO PATÉTICO NO CONTO “PAI CONTRA MÃE” DE MACHADO DE ASSIS

Profª Msc. Luciana Ferreira Leal
FACCAT

O patético será aqui entendido como procedimento artístico capaz de produzir grande choque ou apatia, resultante de abalo emocional, no leitor. Trata-se de uma forma de persuasão baseada sobre a emoção. Comum entre os gregos, ela produz no leitor grande tensão e, quando concluída, uma espécie de relaxamento, de cura, denominada por Aristóteles *catarse*. Ainda que o procedimento utilizado por Machado de Assis seja o patético, o resultado não é o alívio das tensões do leitor, como ocorria na tragédia ática, mas antes uma espécie de amargor, de problema não resolvido, conforme será visto no decorrer da análise que se segue.

Nas obras pertencentes à tragédia ática, depois do patético, aparecia a *catarse*. Nesse conto pertencente a Machado de Assis, depois do patético aparece o amargor, a tristeza, uma vez que a violência apontada não se resolve com a morte ou destruição da personagem. Não se trata de um bode expiatório a devolver, com sua morte, o equilíbrio para a comunidade. Trata-se apenas do registro de um caso exemplar de fatos constantes no cotidiano, devendo continuar o mesmo depois da ruína da personagem.

“Pai contra mãe” é o primeiro conto presente em *Relíquias da casa velha*. Relata episódio degradante presente no Brasil escravista: a captura de escravo fugido como forma de sobrevivência de homem livre, mas pobre.

O patético no conto “Pai contra mãe” manifesta-se sob as mais diversas formas, propulsionando todo o enredo até o seu desfecho final. A paternidade e a maternidade, contrapostos numa intriga surpreendente, emociona na medida em que coloca a decisão e a ação frente a dois pólos que causam um verdadeiro dilema.

Cândido Neves, ao viver da captura de escravos, centralizava sua vida em uma instabilidade constante. O trabalho regular, contínuo, não era por ele apreciado, uma vez que oferecia apenas uma parca sobrevivência. Opostamente, a captura de escravos, ainda que lhe gerasse instabilidade econômica, era bem melhor remunerada. Tal ofício atendia, pois, às suas inclinações e passou a constituir a base da sua segurança e dos seus anseios.

Com o casamento, a gravidez de Clara, sua esposa, e finalmente o advento do primeiro filho, a situação assumiu o aspecto de um drama significativo, visto que a sua afeição e a sua responsabilidade com relação ao filho não se compatibilizavam com os meios dos quais ele dispunha para a estruturação dessa família que estava sob seus cuidados.

O remédio para tal situação (verdadeiro veneno para Cândido Neves) era levar a criança para a “Roda dos enjeitados”. E é assim que Cândido Neves decidiu, dolorosamente, abrir mão do seu filho. Não obstante, uma outra intriga entremeia esta conturbada história conferindo-lhe outros contornos.

Um senhor teria perdido uma escrava, Arminda; a fuga dela despertou nele uma fúria que o motivou a pagar alto preço (100 mil réis) pela sua captura. Ocorre que Cândido Neves ao alongar seu trajeto rumo à “Roda dos enjeitados” a fim de que pudesse passar mais tempo com seu filho, acabou por encontrar a referida escrava. Entusiasmado com a possibilidade de uma reviravolta na situação, levou o recém-nascido a uma farmácia e foi se empenhar na prisão daquela mulher. Uma vez tendo-a capturado, ouviu lamentos os mais desesperados, visto que ela se encontrava grávida. Arminda procurou convencer de que a fúria do seu senhor seria convertida em muitos castigos, e fatalmente implicaria na morte de seu filho. A angústia de um pai acabou sendo, pois, colocada diante da angústia de uma mãe. Formado o dilema, o desenlace do mesmo se deu em detrimento dos propósitos de Arminda. Cândido Neves levou a efeito a captura, chegou mesmo a assistir à escrava abortando em consequência da sua luta e da sua dor.

No conto “Pai contra mãe”, tem-se o mal causado pelas conjunturas do sistema escravocrata do império brasileiro, que nasce e se desenvolve dentro de um sistema de opressão. O conto caracteriza ao mesmo tempo a vilania do protagonista e a lógica que dirige o seu ato. Tendência da alma e cálculos da vida somam-se. Cândido Neves, é, por direito, livre, entretanto, também é pobre e dependente e se encontra muito pouco acima do escravo. E, por estar um pouco acima deste, utiliza-se dele para sobreviver: captura o escravo quando ele se revolta e foge e o entrega à fúria do seu dono. O senhor é, portanto, tanto dono do escravo, quanto dono do pobre livre, ao reduzi-lo à condição de capturador de escravo.

Escravo e homem livre, mas pobre são em “Pai contra mãe” colocados em situação de confronto. Evidente é neste conto a situação desgraçada da escrava Arminda, bem como o sofrimento de Cândido Neves por ter de levar o filho que tanto quer bem à Roda dos enjeitados. A paixão de ambos (pai e mãe) pelos seus filhos unifica-os, impondo-lhes situação de luta em defesa cada qual de sua cria. A partir disso encontram-se nessa narrativa cenas comoventes, enternecedoras por falarem ao coração. A resistência de Cândido Neves e Clara para não levarem a criança à Roda dos enjeitados, a amargura desses pais ao se depararem com a situação triste e inevitável de não poderem sustentar a criança, o sofrimento da escrava Arminda ao ser capturada, por saber que a sua liberdade era apenas temporária e que a sua gravidez se interrompia naquele momento, são exemplos claros da presença do patético ao longo de toda a obra.

A desgraça provoca cenas patéticas no conto em questão. A título de exemplificação, tem-se a falta de trabalho e, conseqüentemente, a falta de dinheiro, provocando a instabilidade financeira que convence Cândido Neves e a mulher a abandonarem o filho recém-nascido. Tem-se também a cena triste e chocante do aborto da escrava Arminda:

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou” (Assis, 1997: 667).

O desespero possui no conto várias formas de representação. Expressa-se pelas próprias palavras das personagens do conto analisado, bastando lembrar as súplicas da escrava Arminda:

Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus...

- Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se vossa senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! (Assis, 1997: 666)

Expressa-se ainda através dos fortes gestos patéticos da escrava diante da eminência de ser entregue a seu proprietário:

Foi arrastando a escrava pela rua dos Ourives, em direção à da Alfândega, onde residia o senhor. Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria. Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. (Assis, 1997: 666-7).

Emil Staiger, em *Conceitos fundamentais da Poética*, considera que o *pathos* autêntico na dramaturgia provoca tanto o impacto de qualquer ouvinte, quanto do próprio orador. Transferindo essa teoria para a arte literária, pode-se dizer que o verdadeiro *pathos* provoca tanto o impacto do leitor, quanto o da personagem. Cândido Neves sofre um grande choque quando ouve da tia de Clara o conselho de levar o filho à Roda dos enfeitados: “ Não tia Mônica! bradou Candinho, recusando um conselho que me custa escrever, quanto mais ao pai ouvi-lo. Isso nunca!” (Assis, 1997: 663) O impacto também é grande quando Cândido Neves, ao levar o filho à Roda dos enfeitados, resolve afrouxar o passo para demorar um pouco mais o seu último contato com o menino:

Foi então que lhe ocorreu entrar por um dos becos que ligavam aquela à rua da Ajuda. Chegou ao fim do beco e, indo a dobrar à direita, na direção do largo da Ajuda, viu do lado oposto um vulto de mulher; era a mulata fugida. Não dou aqui a comoção de Cândido Neves por não podê-lo fazer com a intensidade real. Um adjetivo basta; digamos enorme (Assis, 1997: 667).

A impressão que se tem dessa cena é muito forte, uma vez que representa a possibilidade de uma inversão na situação de Cândido Neves, bem como na da escrava fugida. O impacto atinge tanto a personagem que vislumbra saída para sua situação, quanto os leitores do conto que vêem a resolução da situação de Cândido Neves como situação de entrave para

Arminda. Não há como o leitor permanecer passivo frente à situação. Choca-o a luta da sobrevivência de um dever-se ao naufrágio do vislumbre de liberdade de outro.

De acordo com Staiger, o *pathos* da dor inclui tanto o momento em que o herói e aqueles que o cercam reconhecem o terrível sofrimento, como também o grau de consciência que capta essa dor. O terrível sofrimento é reconhecido quando o filho de Cândido Neves e de Clara estava prestes a nascer e o pai, além de não ter emprego fixo, não conseguir nenhuma forma de sobrevivência. A tia convenceu Clara a abrir mão do filho: “pintara-lhe a criação do menino; seria a maior miséria, podendo suceder que o filho achasse a morte sem recurso” (Assis, 1997: 665). O pai, “não obstante o acordo feito, mal pôde esconder a dor do espetáculo” (Assis, 1997: 665). Cogitou mil maneiras de ficar com o filho, mas nenhuma solucionava o problema da miséria em que se encontrava a família.

O herói patético não é caracterizado psicologicamente, o *pathos* o domina por completo e consome a individualidade. Cândido Neves não é caracterizado psicologicamente; a sua caracterização se deve à sua movimentação que, aliás, nada tinha de “cândida”.

A sua falta de piedade, mas ao mesmo tempo a única possibilidade de ficar com o filho, fica evidente quando ele não leva em consideração o estado de Arminda e a entrega ao seu senhor. Sua falta de piedade é acompanhada da leitura que lhe convém da situação vivida pela escrava: “- Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?” (Assis, 1997: 666).

Outra característica do herói patético é o seu incondicionamento, dizendo de outro modo, o herói patético não é atingido pelas circunstâncias, o meio não o condiciona. Tão claro é no conto “Pai contra mãe” o fato de Cândido Neves não ser atingido pela dor de Arminda e agir impiedosa e friamente na captura da escrava grávida e fugitiva. Claro é também o fato de, havendo a possibilidade de ter de abandonar o filho, devido a dificuldade financeira, não procurar emprego estável, ficando na difícil e concorrida profissão de capturar escravos.

O *pathos* do prazer encontra-se, no entanto, no conto, lado a lado com *pathos* da dor. Temos de um lado o prazer de Cândido Neves ao recuperar o filho às custas da captura de Arminda e a dor da escrava ao perder o seu. Ao leitor resta apenas a forte indignação frente à situação que sabe ter como suporte a triste realidade do Brasil Império. Como entender a existência do prazer que se origina na dor do outro?

Frente ao conto, resta ao leitor a forte indignação diante da rude lei da sobrevivência. De um lado, um pai incompetente para o trabalho, solucionando seu problema de maneira simplista e, causando, desta forma, desventura a outrem. O patético da situação faz-se presente na tomada de consciência de que a ação de Cândido Neves, branco até no nome, é tida como normal, legal. A simplicidade com que no fim do conto afirma: “Nem todas as crianças vingam” (Assis, 1997: 667) causa séria repugnância no leitor. Não fica, no entanto, jamais passivo frente ao que lê. O *pathos* registra-se em sua leitura.

Ao longo de todo o drama expresso pelo conto, encontra-se o patético exemplarmente dado. Nos gestos e ações de Cândido Neves e de Arminda ficam estampados os teores comoventes de almas que são vítimas de situações e de paixões. Comovente também é a leitura desse conto. O leitor, à medida que a tensão do patético progride, se comove, e sente terror e ao mesmo tempo piedade, como na tragédia grega, em que os espectadores, através desses sentimentos, atingiam a *catarse*. Na dependência de casualidade, Cândido Neves e Arminda, constituíram adversários um do outro, em meio a uma situação antagônica. Estando os dois dependentes da incerteza, e estando a felicidade de um dependendo da infelicidade do outro, um dilema acabou se formando. E a maneira como Machado de Assis modela tais elementos confere a este conto um caráter bastante comovente, assim como comovente é o fecho desta obra: “- Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.” (Assis, 1997: 667)

Se o patético na tragédia grega estava sempre ligado à *catarse*, compreendida esta como cura das emoções, não é possível ver o patético presente nos contos machadianos

analisados da mesma forma. Sua função não reside no alívio das tensões, mas antes no suscitar da indignação do leitor frente aos problemas pessoais gerados pela estrutura social injusta. Num primeiro momento há o toque das paixões, num segundo momento, a indignação frente ao relatado, num terceiro momento, final, há apenas o amargor, a sensação de soco na boca do estômago, restando ao leitor a tristeza de tomar conhecimento da degradação da estrutura social escravista dominante no Brasil no decorrer do Império.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra Completa*. vol.2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.

KITTO, H.D.F. *A tragédia grega*. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armênio Amado, 1990.

SCHILLER, Friedrich. *Teoria da tragédia*. Trad. Flávio Meurer. São Paulo: Herder, 1964.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.